

Uma imagem da gramática

Elisabete Marques Ranchhod

0. Introdução

A imagem que frequentemente se tem de uma língua é a de um sistema (ou melhor, de um conjunto de sistemas interligados) em que um dado elemento (som, palavra, grupo de palavras, etc.) mantêm com outros determinadas relações e forma com eles uma estrutura, um objecto coerentemente construído.

Identificar (dizer quais são), caracterizar (dizer como são) e relacionar (dizer como se articulam) os vários elementos que constituem uma língua são os objectivos fundamentais da investigação em linguística. A evolução dos estudos linguísticos, porém, tem vindo a ser feita no sentido da especialização, não sendo raro que cada uma das componentes da linguagem (fonética, fonologia, léxico, sintaxe, semântica) constitua um ou vários domínios de estudo independentes.

Assim, por exemplo, as palavras têm sido estudadas de forma autónoma pela lexicologia e pela morfologia, que as consideram como unidades elementares de forma e de significado. A sintaxe, por sua vez, tem procurado determinar a estrutura das frases bem como definir as regras que permitem combinar as palavras entre si de modo a obter expressões linguísticas coerentes tanto do ponto de vista formal como semântico.

Mas a dificuldade em caracterizar com rigor as condições de co-ocorrência dos elementos lexicais é tal que os sintacticistas têm cedido frequentemente à tentação de generalizar, de tornar cada vez mais abstractas as representações estruturais, de formular

regras gerais para a construção das estruturas frásicas, sem terem em conta o preenchimento lexical das posições sintácticas envolvidas.

Os lexicógrafos tentam, por seu lado, resolver o problema da polissemia (ou ambiguidade) das palavras multiplicando as acepções. O maior ou menor número de acepções depende em larga medida da cultura do lexicógrafo, mas elas correspondem quase sempre a informações de carácter disperso e assistemático.

Neste trabalho adoptamos uma outra perspectiva de abordagem dos factos linguísticos: uma perspectiva em que o léxico, a morfologia e a sintaxe não são concebidos como componentes da gramática independentes.

1. Interdependência entre léxico e sintaxe

As análises linguísticas assentam frequentemente no pressuposto de que as palavras são unidades elementares de forma e de significado. Esta forma de proceder encontra, contudo, certas dificuldades. Há palavras que não contêm em si mesmas qualquer significado, tendo apenas como função estabelecer relações gramaticais entre palavras com conteúdo lexical próprio: *que* (Ela admitiu *que* disse isso), *de* (Ela comprou um livro *de* medicina), *e* (O Zé *e* a Ana casaram-se), etc.. Outras há que não têm existência autónoma, que só se encontram combinadas com outras, formando com elas uma unidade lexical: *cor* (Ela sabe a lição *de cor*), *mouxe* (Ela fez isso *a trouxe-mouxe*), etc.. Como mostram os exemplos, *cor* só existe na língua associada à preposição *de*, pertencendo a combinação à categoria dos advérbios. *Mouxe* não existe senão em combinação com *a trouxe*. Se *trouxe* e *mouxe* forem considerados isoladamente, não é claro a que categoria gramatical pertencem, mas, associadas à preposição *a*, formam no seu conjunto um advérbio (ou, se se preferir, uma locução adverbial): *a trouxe-mouxe*. A maior dificuldade, contudo, é posta pelos numerosíssimos casos de homografia, isto é, pelas palavras que, sendo formalmente idênticas, não têm o mesmo significado e/ou pertencem a diferentes categorias gramaticais: (Ele *partiu* o bolo; ele *partiu* o copo; ele *partiu* a horas; a chávena está *partida*; ele deu a *partida*; ele pregou-nos uma *partida*; ele ganhou a *partida*).

1.1. «Imagem», um exemplo de ambiguidade lexical

A palavra *imagem* é, como tantas centenas mais de outros elementos lexicais, um caso exemplar de ambiguidade lexical. O *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto Editora, 6ª ed, 1991) procura resolver a polissemia da palavra, atribuindo-lhe dezasseis acepções, que vão desde as diversas interpretações que pode receber como nome concreto pertencente à língua comum («representação de uma pessoa ou objecto; figura; estampa; pintura ou escultura destinada ao culto,...») ou a uma linguagem técnica («conjunto de pontos (reais ou virtuais) onde vão convergir, depois de ter atravessado um sistema óptico, os raios luminosos saídos de diversos pontos de um corpo;»), até aos vários significados que pode ter quando usada como substantivo abstracto («semelhança; revivescência de uma percepção, na ausência do excitante que a provocou; metáfora; alegoria;...»).

1.2. Palavra e gramática da palavra

De facto, as palavras isoladas contêm em si mesmas certas potencialidades semânticas mas só adquirem uma significação precisa se combinadas com outras numa forma sintacticamente adequada. Em cada uma das frases:

- (1) *Os iconoclastas destruíam as **imagens***
- (2) *O novo televisor tem uma boa **imagem***
- (3) *Essa empresa tem uma boa **imagem** (junto do público)*
- (4) *Ele deu uma boa **imagem** de si próprio*
- (5) *O Zé é a **imagem** do pai*

imagem tem apenas uma interpretação, mas para isso contribuem de forma crucial os elementos que com ela co-ocorrem e que com ela mantêm certas relações gramaticais. Se a

forma sintáctica não for adequada ou a palavra não tiver uma distribuição característica, várias interpretações serão possíveis, como acontece em:

(6) *Nesse texto há imagens belíssimas*

Estas observações são uma indicação de que há entre o *léxico*, a *sintaxe* e a *semântica* estreitas interdependências, que não poderão deixar de ser tidas em conta por uma gramática que queira dar da língua uma imagem satisfatória.

1.3. *Léxico e comportamento sintáctico das expressões linguísticas*

A relação entre *significado* e *construção* das unidades lexicais aparece claramente nos exemplos acima. Mas o comportamento sintáctico de uma dada expressão depende também, por seu lado, do preenchimento lexical das diversas posições estruturais. Dito de outro modo, a aplicabilidade de uma determinada regra gramatical tem frequentemente fortes condicionantes lexicais, pelo que formular uma regra sem determinar o seu domínio lexical de aplicação, pode levar a um desajustamento total entre os dados linguísticos e a teoria que deveria esclarecê-los e formalizá-los. As frases (1) a (4), por exemplo, estão nas condições formais (contêm verbos transitivos directos) que permitem a passivação, isto é, a aplicação da regra tradicionalmente designada por *Passiva*. No entanto, só a frase (1) é a passivável:

[Passiva] (1) = (1') *As imagens eram destruídas pelos iconoclastas*

As expressões formalmente passivas (correspondentes a (2), (3) e (4)):

(2') **Uma boa imagem é tida pelo novo televisor*

(3') **Uma boa imagem é tida por essa empresa (junto do público)*

(4') **Uma boa imagem de si próprio foi dada por ele*

são, quanto a nós, inaceitáveis (donde a sua marcação com *).

A impossibilidade de dar forma passiva às frases de (2) a (4) (e também a (5) mas por razões ligeiramente diferentes) resulta de as várias posições sintácticas envolvidas na apassivação serem preenchidas por elementos lexicais que determinam relações gramaticais que não podem ser expressas por formas passivas. No que respeita às frases em que o verbo é *ter*, a situação aqui exemplificada é geral. O verbo *ter*, apesar de ser formalmente um verbo transitivo directo, não é um verbo plenamente significativo (em particular em frases como (3)), servindo sobretudo para estabelecer uma relação entre os grupos nominais que ocupam as posições sintácticas de sujeito e de complemento directo. A interpretação dessa relação é variada e está largamente dependente do preenchimento lexical dessas posições estruturais (a diferente realização lexical do sujeito em (2) e (3) explica o diferente valor da palavra *imagem* e a diferença de significação global de cada uma das expressões). São também razões deste tipo as que determinam a não aceitabilidade de (4'). O verbo *dar*, contudo, permite facilmente a apassivação em outras condições léxico-sintácticas:

(7) *Ele deu-me esses papéis*

[Passiva] = (7') *Esses papéis foram-me dados por ele*

(8) *Ele deu-me essa informação*

[Passiva] = (8') *Essa informação foi-me dada por ele*

Só quando *dar* se combina com certos substantivos é que não é possível dar forma passiva a essas expressões. Essas combinações têm, evidentemente, de ser determinadas em extensão.

2. A gramática como sistema de regras e de condições lexicais

As observações feitas no ponto precedente a propósito do significado e da construção da palavra *imagem* são gerais e afectam todo o léxico e todas as regras da gramática. Elas mostram que: (i) não é possível atribuir às unidades lexicais um significado específico sem as integrar numa estrutura sintáctica adequada, e (ii) a aplicação de uma determinada regra sintáctica depende em boa parte de factores de natureza lexical. Isto faz com que não seja possível conceber o léxico e a sintaxe como duas componentes da gramática independentes. Estes dois pressupostos estão na base da teoria do *léxico-gramática* (M. Gross 1975, 1979, 1981, 1988), que temos vindo a adoptar em relação ao português (E. Marques Ranchhod 1983, 1985, 1990, 1991), e cujos princípios esboçaremos em linhas muito gerais.

2.1. *Construção de um léxico-gramática*

Elaborar o léxico-gramática de uma língua é proceder a uma descrição sistematizada das unidades léxico-sintácticas da língua em estudo. Como uma unidade léxico-sintáctica corresponde frequentemente à noção de frase elementar (ou nuclear), a unidade de descrição linguística considerada interessante é não a palavra, mas a frase. Os princípios teóricos que orientam as descrições são os da gramática transformacional de Z. S. Harris.

Para Z. S. Harris (1964, 1968, 1976, 1991), a análise gramatical consiste em definir, por um lado, o conjunto das frases nucleares de uma língua e, pelo outro, o conjunto das operações formais (ou transformações) que sobre elas pode actuar. As transformações permitem estabelecer relações de equivalência entre conjuntos de frases elementares que apresentam variações formais regulares, mas cujo significado é fundamentalmente idêntico (é o que se observa, por exemplo, entre as frases activas e as passivas correspondentes).

A adopção do quadro teórico harrissiano, que requer uma formalização completa dos dados linguísticos, permite que as descrições possam ser utilizadas não só na pedagogia e didáctica das línguas (até há pouco os únicos domínios de aplicação da investigação em

linguística) como ainda que possam ser usadas pelos computadores no processamento de linguagem natural. Este último tipo de aplicação exige que a descrição dos objectos linguísticos (desde a estrutura das palavras até à organização das palavras em frases e em textos) seja sistemática, completa e totalmente formalizada (E. Marques Ranchhod e S. Eleutério 1992).

2.1.1. Representações e notações

A informação linguística associada aos elementos capazes de determinarem uma forma frásica característica (verbos, adjectivos, nomes predicativos, advérbios) é codificada e representada em matrizes binárias (ver adiante 3.1. e anexos). A descrição estrutural das frases é representada formalmente por configurações do tipo:

$$N_0 V W$$

Estas notações são bastante transparentes. N_i simboliza um grupo nominal, cuja função sintáctica é explicitada por índices numéricos (N_0 corresponde ao sujeito), V é um verbo e W uma variável que representa os seus eventuais complementos. Esta variável pode ser especificada (=:) por esquemas do tipo:

$$W=: N_1 a N_2; \quad W=: que F; \quad W=: Prep Nhum$$

em que N_1 é um complemento directo e N_2 um complemento indirecto introduzido pela preposição a ; $que F$ representa uma completiva finita, $Prep$ uma preposição e $Nhum$ um substantivo humano.

As relações de equivalência entre frases não são orientadas. O sinal = é utilizado para indicar as diversas relações transformacionais. O nome (convencional) da transformação figura dentro de parênteses rectos. Assim,

$$(a) N_0 V N_1$$

$$[\text{Passiva}] = (p) N_1 \text{ ser } V_{pp} \text{ por } N_0$$

=: (a) *Eles destruíam as imagens*

= (p) *As imagens eram destruídas por eles*

indica que as duas estruturas frásicas são equivalentes e estão ligadas pelo que comumente se designa por transformação passiva. Os elementos que podem ocorrer em alternativa são colocados dentro de parênteses curvos e separados uns dos outros pelo sinal «+». As sequências vazias, resultantes ou não da elisão de elementos lexicais, são representadas por *E*. A configuração:

$N_0 V N_1 (E + Prep N_2)$

corresponde às duas estruturas:

$N_0 V N_1$ ou $N_0 V N_1 Prep N_2$

Como mostra o exemplo da [Passiva], as transformações preservam o significado das frases, mas introduzem nas formas sobre as quais operam várias modificações estruturais: alteração da ordem dos constituintes, inserção ou redução de constantes gramaticais (preposições, verbos auxiliares, etc.), modificação da categoria gramatical dos elementos especificamente envolvidos na relação transformacional.

2.2. Sintaxe e morfologia derivacional

Esta última característica das transformações faz com que muitas questões de morfologia derivacional (relações entre palavras com o mesmo radical), tradicionalmente tratadas de forma autónoma, possam ser esclarecidas mediante a análise sintáctica das frases onde os derivados ocorrem. Esta é a proposta de Z. S. Harris (1965) para quem a morfologia derivacional não constitui uma componente independente da componente sintáctica. As relações entre verbos, nomes e adjectivos morfologicamente aparentados são estabelecidas

se, ao comparar as suas construções, se verificar que entre elas existem relações sintácticas sincrónicas. No caso de isso não se verificar, a relação é meramente etimológica. Daremos exemplos paradigmáticos de uma e outra situação.

As expressões:

(9) *O Zé confia na vitória*

[Nominalização] = (9') *O Zé tem confiança na vitória*

[Adjectivalização] = (9'') *O Zé está confiante na vitória*

estão transformacionalmente ligadas por operações de nominalização e de adjectivalização, que incluem como alteração local a derivação morfológica: passagem do verbo (*confiar*) a nome predicativo (*confiança*) e a adjectivo (*confiante*). As transformações deste tipo têm, como se disse antes, a propriedade de conservarem o significado das frases sobre as quais operam: os elementos predicativos (*V*=: *confiar*; *N*=: *confiança*; *Adj*=: *confiante*) estabelecem com os seus argumentos (*N*₀=: *O Zé*, *N*₁ =: *a vitória*) idênticas relações gramaticais; os verbos auxiliares não introduzem, além de valores aspectuais ou modais, qualquer elemento de significado específico. As três frases são, pois, largamente sinónimas (E. Marques Ranchhod 1990).

O tratamento sintáctico da morfologia derivacional permite também resolver satisfatoriamente a dificuldade com que se debatem frequentemente os gramáticos e os lexicógrafos: a de, perante um conjunto de elementos lexicais morfológicamente aparentados, determinar com segurança, e boa reprodutibilidade, quais de entre eles têm. Nas operações de nominalização e de adjectivalização intervêm (como acontecia com a apassivação nos exemplos anteriores) factores de natureza lexical. Assim, associada ao verbo *confiar* de (9), existe a nominalização representada por (9'). Uma expressão em que a ordenação dos argumentos do predicado nominal *ter confiança* fosse semelhante à de uma forma passiva:

**A vitória tem a confiança do Zé*

seria totalmente inaceitável. Porém, se o complemento do verbo *confiar* for lexicalmente preenchido por um *Nhum*:

(10) *O Zé confia na Ana*

são possíveis dois tipos de nominalização com o verbo-suporte (designação dos auxiliares dos nomes predicativos) *ter*: uma em que os argumentos do predicado nominal *ter confiança* apresentam uma ordenação idêntica à da frase (10):

[Nominalização] = (10') *O Zé tem confiança na Ana*

e outra, ligada a esta por [Conversão]:

[Conversão] = (10'') *A Ana tem a confiança do Zé*

em que esses argumentos se encontram invertidos como nas frases passivas.

Há, por outro lado, associada a esta construção de *confiar*, uma adjectivalização aparentemente equivalente a (9'')

O Zé está confiante na Ana

Esta expressão é aceitável mas o grupo nominal *a Ana* tem uma interpretação metonímica, isto é, será interpretado como equivalente de, por exemplo, *a vitória da Ana*, *a actuação da Ana* (o contexto linguístico e/ou situacional favorecerá algumas das várias interpretações possíveis). Quer dizer: a adjectivalização de (10) só é possível em condições léxico-sintácticas idênticas às de (9). Mais, o verbo *ter* que intervém na nominalização activa de (10) pode ser substituído por uma variante estilisticamente menos neutra:

(10') *O Zé (tem + deposita) confiança na Ana*

substituição dificilmente aceitável em relação a (9'): **O Zé deposita confiança na vitória*. Note-se, a propósito, que o verbo *depositar*, quando combinado com um nome predicativo como *confiança*, (10'), não tem nem o significado nem as características sintáticas que possui se construído com um nome não predicativo como *cheque* (*O Zé depositou esse cheque na conta da Ana*). De entre as várias diferenças de comportamento sintático, mencione-se a boa aceitabilidade da frase passiva:

Esse cheque foi depositado pelo Zé na conta da Ana

e a total inaceitabilidade de :

**Confiança é depositada pelo Zé na Ana*

Assim, apesar da homografia, e mesmo das semelhanças semânticas, dos verbos *confiar* de (9) e de (10) e dos nomes predicativos *confiança* de (9') e de (10'), eles têm de ser considerados independentes, uma vez que não pertencem à mesma classe de equivalência léxico-sintática, isto é, não compartilham o mesmo conjunto de frases transformadas.

Mas as relações morfológicas existentes entre as palavras podem não estar, como dissemos, associadas a relações sintáticas. O nome predicativo *confiança* que ocorre em:

(11) *O Zé dá muita confiança à Ana*

embora morfológicamente ligado a *confiar*, não partilha de nenhuma das suas propriedades sintáticas. Também não é claro que haja entre eles grandes afinidades semânticas. A relação é apenas etimológica. De igual modo, o verbo *confiar* de:

(12) *O Zé confiou esse segredo à Ana*

é, tanto do ponto de vista sintáctico como semântico, independente dos anteriores: não são possíveis agora as nominalizações com *ter* e *dar*:

**O Zé teve confiança desse segredo à Ana*

**O Zé deu confiança desse segredo à Ana*

nem a adjectivalização:

**O Zé está confiante desse segredo à Ana*

O tipo de predicado que *confiar* representa na frase (12) é largamente equivalente ao que nome predicativo *confidência* exprime na frase com verbo-suporte *fazer*:

(13) *O Zé fez essa confidência à Ana*

Contudo, a relativa inaceitabilidade de:

(12') *O Zé fez confidência desse segredo à Ana*

dificulta o estabelecimento de uma relação sintáctica directa entre estas duas predicções.

Confidência vai, por sua vez, permitir alargar a família morfológica de *confiar* a *confidenciar*, *confidencial*, *confidente*, etc.. As relações sintácticas e semânticas entre esta série de derivados podem ser explicitamente estabelecidas pela metodologia antes utilizada.

Há, além destas, outras famílias, igualmente produtivas, de derivados morfológicos entre cujas construções se podem estabelecer transformações sintácticas. Daremos mais um exemplo. Verifica-se que muitos verbos apassiváveis estão relacionados com adjectivos terminados em *-vel* e que as expressões adjectivais têm, quando comparadas com as construções verbais correspondentes, um nítido valor modal (D. Leeman e S. Meleuc 1990;

H. Freire, 1995). Ora, Z. S. Harris (1964) analisou a modalidade como uma informação que é introduzida nas frases nucleares ou em alguma(s) das suas transformadas por inserção de elementos modalizadores (em particular, de verbos que pertencem a um conjunto restrito, de que fazem parte *poder* e *dever*, e de afixos). Assim, a relação entre os verbos apassiváveis e os correspondentes adjectivos terminados em *-vel* pode ser sintacticamente estabelecida pelas seguintes equivalências (M. Gross 1988):

N0 V N1

[Passiva] = N1 ser Vpp por N0

[Poder i.] = N1 poder ser Vpp por N0

[V -vel] = N1 ser V-vel por N0

=: (12) A Assembleia da República revoga essas leis

= (12') Essas leis são revogadas pela Assembleia da República

= (12'') Essas leis podem ser revogadas pela Assembleia da República

= (12''') Essas leis são revogáveis pela Assembleia da República

A redundância (inaceitável) de expressões como:

*Essas leis podem ser revogáveis pela Assembleia da República

*As cores podem ser alteráveis pelo sol

mostra claramente que o valor modal de *poder* e o do sufixo *-vel* são largamente equivalentes.

Os dicionários dão implicitamente conta destas relações ao definirem os adjectivos, nestes exemplos, *revogável* e *alterável*, como (Dicionário da Língua Portuguesa, edi) que se pode revogar; , isto é, estabelecendo uma paráfrase entre eles e uma construção passiva do verbo, modalizada com *poder*. Mas as informações dadas pelos dicionários de uso são fundamentalmente semânticas, e outros tipos de paráfrase podem ser encontrados:

rectificável é definido como *susceptível de se rectificar*, *regenerável* como *capaz de regenerar-se*, etc..

Embora as relações entre os adjectivos terminados em *-vel* e os correspondentes verbos transitivos sejam muito produtivas, as regras acima formuladas não têm carácter geral. A sua aplicação está, como noutras situações, dependente de factores lexicais e distribucionais. O adjectivo *susceptível* (nas suas várias interpretações: O Zé é uma pessoa susceptível; Esse erro é susceptível de ser rectificado) não tem em português qualquer base verbal. O adjectivo *amável*:

(15) O Zé é muito amável

tornou-se sintacticamente autónomo e dificilmente será equivalente de uma construção equivalente com *amar*:

(16) O Zé pode ser amado

Os adjectivos terminados em *-vel*, sintacticamente associáveis ou não a construções verbais, podem, por sua vez, receber sufixos nominais. A nominalização, com o verbo-suporte (Vsup) *ser de*, dos adjectivos *revogável*, *amável* e *susceptível*:

[Vsup ser de] = (14iv) Essas leis são de difícil revogabilidade

[Vsup ser de] = (15') O Zé é de uma grande amabilidade

[Vsup ser de] = (17) O Zé é de uma grande susceptibilidade

dá origem a novas expressões equivalentes, de predicado nominal, que prolongam as classes léxico-sintácticas anteriores.

3. Representação das entradas de um léxico-gramática

3.1. Representação matricial

A construção dos elementos lexicais capazes de determinarem uma forma frásica característica é registada numa matriz binária. Cada matriz corresponde a uma classe sintáctica (todos os elementos lexicais que nela figuram como entrada têm pelo menos uma propriedade sintáctica comum). As propriedades sintácticas (distribucionais e transformacionais) são codificadas em coluna. Os sinais «+» e «-» que aparecem na intersecção de uma linha com uma coluna indicam se a entrada tem ou não tem a propriedade registada na coluna.

Em anexo, é reproduzida uma matriz (EQPN), extraída de E. Marques Ranchhod 1990. O nome predicativo *imaginação* que se constrói com o verbo-suporte *estar* é uma das entradas dessa matriz. Tal como *imagem* (que nos serviu de pretexto para esta rápida digressão pela gramática do português), é construído sobre o radical *imag-*, mas não há entre eles qualquer afinidade sintáctica. Corresponde aqui à nominalização de um dos verbos *imaginar* (também ele sintacticamente independente de *imagem*):

O Zé imagina isso

[Nominalização] = Isso está só na imaginação do Zé

O nome *imaginação* desta matriz não tem, por seu lado, relações sintácticas com o que se constrói, por exemplo, com o verbo-suporte *ter* :

O Zé tem muita imaginação

Equivalente da frase de predicado adjectival:

[Adjectivalização] = O Zé é muito imaginativo

3.2. Representação por au ómatos finitos

Mas há no léxico do português outros nomes homógrafos destes que não estão relacionados nem com verbos nem com adjetivos. Alguns entram na formação de nomes compostos: *imaginação criadora* (J. Baptista 1993), outros fazem parte de expressões fixas, isto é, de construções não composicionais tanto do ponto de vista sintáctico como semântico:

O Zé dá (tratos + voltas + asas) à imaginação

Estas expressões podem ser equivalentes de outras, igualmente não composicionais, e constituírem famílias de expressões idiomáticas:

O Zé dá voltas á (imaginação + cabeça + mioleira + cuca + ...)

Estas famílias em que há variações lexicais e também formais (por exemplo a nível de determinantes, de preposições, etc.) mas que têm um significado largamente equivalente - as diferenças são fundamentalmente estilísticas e reflectem diferentes registos: cultos, familiares, vulgares, etc. são objecto de gramáticas locais, representadas por grafos (autómatos finitos) em que os nós correspondem a parentetizações. A família das expressões acima poderá ser representada pelo seguinte grafo (em que a posição de sujeito é lexicalmente livre, desde que pertença á classe dos Nhum):

imaginação

cabeça

mioleira

tratos

cuca

bola

voltas

miolo

Os provérbios, que têm sido desde sempre considerados como expressões completamente fixas, podem na verdade apresentar certas variações e a representação por autómatos finitos é a que se afigura mais adequada para dar conta das diferentes variantes de um mesmo provérbio (L. Chacoto 1994):

De noite todos os gatos são pardos

Á

Ás escuras

Para concluir

As várias situações discutidas e exemplificadas (de forma breve, é certo) são muito frequentes na gramática de qualquer língua. A inseparabilidade do léxico e da gramática fazem com que na perspectiva teórica do léxico-gramática as duas componentes sejam indissociáveis. Toda a descrição linguística se baseia, por um lado, na análise das relações que os elementos lexicais (simples ou compostos) mantêm entre si no interior de uma frase e, pelo outro, na análise das relações transformacionais que se estabelecem entre frases (fixas e livres) lexico-sintacticamente equivalentes. As relações transformacionais entre frases envolvem frequentemente uma alteração da categoria gramatical dos elementos nucleares das frases transformadas: nas relações passivas um verbo conjugado é transformado em particípio, com comportamento adjectival, introduzindo-se simultaneamente um auxiliar que exprime a concordância sujeito verbo, valores temporais e aspectuais; nas adjectivalizações um verbo conjugado é transformado em adjectivo; nas nominalizações a transformação opera entre verbos e/ou adjectivos e nomes predicativos, sendo estes auxiliados por um verbo-suporte, que corresponde, como nos casos anteriores, a um utensílio gramatical para os valores pessoa, número, tempo e aspecto. Poderia dizer-se, de um outro modo, que, dado um radical, ele receberá sufixos verbais, adjectivais (incluindo os de particípio) ou nominais, de acordo com as características léxico-sintácticas das estruturas em que é inserido. A morfologia derivacional (tratada em capítulo

próprio pela generalidade das gramáticas escolares) não tem, pois, neste quadro teórico um lugar autónomo.

Abstract

The purpose of this paper is to present a general framework (based on Zellig S. Harris transformational theory) for the relations between lexicon, syntactic forms, and semantic interpretation. Detailed examples from Portuguese are provided.

Referências

- Baptista, Jorge. 1993. Para um dicionário electrónico dos nomes compostos do Português, in Actas do 1 Encontro sobre Processamento da Língua Portuguesa, Lisboa.
- Chacoto, Lucília. 1994. Fixidez e variação nos provérbios, Lisboa: Faculdade de Letras
- Gross, Maurice. 1975. Méthodes en syntaxe, Paris: Hermann.
- Gross, Maurice. 1979. On the Failure of Generative Grammar, *Language*, Vol. 55, 4, Baltimore: The Linguistic Society of America.
- Gross, Maurice. 1981. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique, *Langages* 63, Paris: Larousse.
- Gross, Maurice. 1988. Sur la structure des articles d'un lexique-grammaire, in *Linguistica Computazionale*, Pisa.
- Harris, Zellig S. 1964. The Elementary Transformations, TDAP 54, University of Pennsylvania.
- Harris, Zellig S. 1968. *Mathematical Structures of Language*, Nova Iorque: Wiley.
- Harris, Zellig S. 1976. *Notes du cours de syntaxe*, Paris: Editions du Seuil.
- Harris, Z. S. 1991. *A Theory of Language and Information*, Nova Iorque: Oxford University Press.

Leeman, Danielle e S. Meleuc. 1990. Verbes en tables et adjectifs en -able, *Lingue Française* 87, Paris: Larousse.

Marques Ranchhod, Elisabete. 1983. On the support verbs ser and estar in Portuguese, *Linguisticae Investigationes*, VII: 2, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Marques Ranchhod, Elisabete. 1985. A Romance Construction with Constrained Coreference, *Linguisticae Investigationes*, IX: 2, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Marques Ranchhod, Elisabete. 1990. *Sintaxe dos predicados pominais com Estar*, Lisboa: INIC.

Marques Ranchhod, Elisabete. 1991. Frozen Adverbs. Comparative forms como C in Portuguese, *Linguisticae Investigationes*, XIII: 1, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Marques Ranchhod, E. e S. Eleutério. 1992. *As novas tecnologias e o estudo do português*, in III Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Estoril: AULP.

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

Nº 15 - 5ª Série

1993